

Corpos insurgentes: potencialidades comunicativas em torno do movimento

Marielle Presente¹

Vitória de Lima SANCHES²

Francine ALTHEMAN³

RESUMO

Este artigo estuda os elementos comunicativos envolvidos no movimento Marielle Presente, que surge em 2018 em consequência da morte da vereadora Marielle Franco. Através das teorias de Rancière (1996), a produção utiliza do método da igualdade para análise dos corpos, falas, cartazes e vídeo da manifestação ocorrida no dia 15 de março de 2018, na Avenida Paulista. Michael Foucault (2010) e Judith Butler (2018) auxiliam na construção teórica deste trabalho, que discute o caráter insurgente e dissensual do objeto de estudo. A partir da pesquisa, os resultados obtidos apontam o movimento Marielle Presente como um acontecimento que insurge do desentendimento, enquanto um ato dissensual, que é impulsionado por seus elementos atribuídos, sendo eles os gritos e falas, os corpos unidos, os cartazes e a força na qual reúnem em si.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Presente; movimentos insurgentes; método da igualdade; processos comunicativos; corpos insurgentes

INTRODUÇÃO

No dia 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco foi violentamente assassinada junto de seu motorista, Anderson Gomes, no Rio de Janeiro. O episódio repercutiu mundialmente, através da irrupção de diversas manifestações populares que clamavam por justiça de Marielle e Anderson. Cercados pelo luto e pelo sentimento de indignação, os atos do movimento que ficou conhecido por “Marielle Presente” traziam à tona a gravidade do acontecimento: trata-se de um crime que silenciou a voz de uma mulher negra que estava no poder.

Dessa maneira, este estudo busca investigar as potencialidades comunicativas desse movimento insurgente, com foco na passeata do dia 15 de março daquele ano, ocorrida na Avenida Paulista, em São Paulo. A pesquisa tem como objetivo a investigação de elementos que constituem a cena de dissenso que atravessa o movimento, sendo eles os corpos, falas e cartazes presentes no protesto.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, email: vjt.lsanches@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: francine.altheman@espm.br

A relevância deste estudo está posta no grande papel social que Marielle representava e ainda representa dentro da sociedade brasileira. Enquanto mulher negra, LGBT, mãe e cria da Favela da Maré, sua luta e sua voz ecoam através de milhares de pessoas que buscam manter sua figura presente enquanto resistência de inúmeros movimentos sociais. Isto posto, as lentes teóricas deste artigo englobam autores como Jacques Rancière (1996, 2012), com o método da igualdade e suas teorias sobre o dissenso; Michel Foucault (2010) e Peter Pál Pelbart (2011) e para o entendimento de biopolítica e biopoder; Judith Butler (2018), para estudo dos corpos em aliança; e Roberta Veiga e Paula Kimo (2017), para compreensão do regime estético.

MARIELLE PRESENTE ENQUANTO MOVIMENTO INSURGENTE

Antes de iniciar a análise dos elementos que constituem as cenas do movimento Marielle Presente, como os corpos, falas e cartazes, é necessário entender o que é um movimento de insurgência e como podemos enxergar este conceito quando estudamos o MP. Para isso, autores como Foucault (2010), Roberta Veiga e Paulo Kimo (2017) e Judith Butler (2018) serão utilizados como alicerces teóricos.

“Imagens insurgentes” são definidas como imagens concebidas no momento de disputas políticas, ou seja, atos e protestos conflituosos “nos quais aquele que filma, o documentarista, é também um manifestante” (VEIGA e KIMO, 2017, p.33). De acordo com Foucault (2010) uma cena insurgente rompe de uma insatisfação coletiva de parte da população, de uma tensão dentro do corpo social, sendo esses pontos conflituosos os primeiros indícios de que uma causa está sendo mobilizada. Para o autor, esses conflitos são responsáveis por intervirem na política dentro de nossas sociedades.

Judith Butler (2018) aponta que esses movimentos surgem de um contexto de desigualdade na qual parte do povo está submetida à restrição de direitos e à condições frágeis. Dessa forma, a autora reforça que os manifestantes se unem em alianças, a partir do momento que tais indivíduos ultrapassam a noção do “eu” e estabelecem-se comum uma unidade que luta em conjunto pelas mesmas causas. Esses corpos em aliança lutam pela busca de direitos plurais e buscam por uma “vida vivível” (BUTLER, 2018).

Quando analisamos os conceitos de Butler junto ao objeto de estudo, conseguimos notar semelhanças, pois as pessoas que ali lutavam pela causa Marielle

Presente, não só pediam justiça pela morte da vereadora e de seu motorista, como também reivindicavam por uma vida melhor, por seus direitos e por diferentes causas, tendo em vista tamanha representatividade de Marielle. Pautas de raça, gênero e classe social eram trazidas à tona pelo corpo manifestante, de forma a agregar mais força e resistência ao movimento.

A luta por mais igualdade e pelo combate às injustiças sofridas pelas minorias impulsiona a ocupação das ruas pelos corpos, de maneira a consolidar o movimento insurgente que ali se formava, pois a união dos corpos permite a eclosão do *espaço do aparecimento* (BUTLER, 2018).

MÉTODO DA IGUALDADE

A metodologia que atravessa este estudo está alicerçada no método da igualdade (RANCIÈRE, 2012). Para compreender o método da igualdade, é necessário que se constitua um contexto: imagine uma cena insurgente, que rompe com a normalidade e representa, através de um ato político, a resistência e a disputa de certo grupo por determinada causa. Rancière (1996) propõe então que neste movimento, todos os indivíduos sejam iguais, constituídos como um corpo único, uma voz só, sem posições de hierarquia entre si. Podemos relacionar esse método com os estudos já descritos nesse artigo sobre os corpos em aliança, de Butler (2018).

A constituição do método da igualdade acontece através do que o autor chama de “partilha do sensível”, descrita como uma mudança nos locais, espaços e identidades através da comunidade que antes não havia visibilidade, e agora desperta e impõe-se como habitantes dentro dos espaços comuns.

A política advém quando aqueles que “não têm” tempo tomam esse tempo necessário para se colocar como habitantes de um espaço comum e para demonstrar que sim, suas bocas emitem uma palavra que enuncia algo do comum e não apenas uma voz que sinaliza a dor. Essa distribuição e essa redistribuição dos lugares e das identidades, esse corte e recorte dos espaços e dos tempos, do visível e do invisível, do barulho e da palavra constituem o que chamo de partilha do sensível. A política consiste em reconfigurar a partilha do sensível que define o comum de uma comunidade, em nela introduzir novos sujeitos e objetos, em tornar visível o que não era visto e fazer ouvir como falantes os que eram percebidos como animais barulhentos. (RANCIÈRE, 2010, p.21 apud VEIGA e KIMO, 2017, p. 39-40).

Para compreender a construção teórica do método da igualdade, é preciso entender que Rancière utilizou os estudos de Foucault sobre o poder de fala dos prisioneiros como principal influência teórica. Junto de outros pensadores e intelectuais, Foucault arquitetou o Grupo de Informação sobre as prisões, a fim de estudar sobre a vida dos presos da forma mais “próxima” e fiel que fosse possível de se estabelecer. Para isso, eles utilizaram como principal fonte de estudo os relatos e narrativas dos presos, como suas cartas e escritos. Assim, eles tecem análises que se distanciam de um modelo “alheio” às narrativas de seus objetos de pesquisa, ou seja, eles desprendem-se de arquétipos de análise que só utilizam das impressões dos próprios autores para a elaboração de teorias (MARQUES e PRADO, 2018).

Quando estuda a fala dos operários, a partir das influências de teorias foucaultianas, Rancière nota um caráter performativo nos textos e cartas que analisa, pois ali ele nota mais do que puros relatos. Nesses escritos, o estudioso constata uma tentativa de apropriação dos operários, por si próprios, de uma linguagem (MARQUES e PRADO, 2018).

Conforme Ângela Marques e Marco Prado (2018) discorrem em *Diálogos e Dissidências: M. Foucault e J. Rancière* (2018), para entender o método da igualdade é preciso levar em consideração que Rancière fundamenta-se em *narrativas*, sendo estas absorvidas através da valorização dos traços poéticos presente nas cartas, relatos e escritos dos operários. O autor trata esses escritos como produções literárias, e não como documentos formais que retratam a realidade social daquele grupo.

O método da igualdade requer, portanto, que o pesquisador se distancie dos sujeitos “tradicionais” da história, do modo como são nomeados e classificados e também dos meios de verificação ligados à sua visibilidade e “inclusão” em um protesto comum de uma comunidade (RANCIÈRE, 2002, apud MARQUES e PRADO, 2018, p.58)

Isto posto, este estudo utiliza como método de pesquisa o método da igualdade ao usar as falas dos manifestantes da causa Marielle Presente, sendo esses considerados os protagonistas dos atos de resistência; utilizar imagens e vídeos feitas pelos próprios manifestantes; e por fim ao não estabelecer nenhum tipo de ordem de relevância entre

os materiais que serão consultados, sendo todos os tipos de registro imprescindíveis para a elaboração desta pesquisa.

ESTUDO DOS CORPOS

Unidos por justiça de Marielle e Anderson, os indivíduos que se juntaram na Avenida Paulista no dia 15 de março de 2018 formaram um levante pela causa Marielle Presente, que nasce da urgência e surge sem nenhum tipo de organização prévia. O que marca neste movimento é o chamamos de rompimento da normalidade impulsionado por aqueles que usualmente são silenciados e não possuem poder de fala dentro da organização social. No papel de manifestantes, esses indivíduos passam então a ser os interlocutores e protagonistas daquela ação (MARQUES; PRADO, 2018).

Rancièrè (1996) caracteriza essas ações como cenas de dissenso, ou seja, cenas que eclodem do desentendimento, no “exercício de tentar fazer a igualdade aparecer em um espaço de aparente desigualdade (DAVIES, 2013; MAY, 2009 apud MARQUES e PRADO, 2018, p.78). Para que a cena dissensual insurja naquele contexto, os corpos unidos se fazem muito necessários, pois agregam força ao ato e atuam na representação política dentro do movimento:

Para que a política emerja, o corpo precisa aparecer. Eu apareço para os outros e eles para mim, o que significa que algum espaço entre nós permite que cada um de nós apareça. [...] Isso aparece mais claramente quando pensamos em corpos que agem juntos. Nenhum corpo isolado estabelece o espaço de aparência, mas essa ação, esse exercício performativo acontece somente entre corpos, em um espaço que constitui o hiato entre meu próprio corpo e o corpo do outro. Nesse sentido, meu corpo não age sozinho quando atua politicamente. Na verdade, a ação emerge do “entre” (BUTLER, 2018, p. 92 apud ALTHEMAN, 2019).

No caso do objeto de estudo, esse desentendimento está posto na morte de Marielle e em tudo o que ela representa. Os corpos unidos (Figura 1) caracterizam o que Butler (2018) chama de cena política. Desta forma, a autora estabelece uma relação na qual os manifestantes só consigam atuar politicamente quando o corpo aparece, ou seja, quando os corpos se unem no que ela chama de assembleias. Como é possível notar na imagem abaixo, as multidões atingem proporções que fogem do controle da polícia quando as assembleias “se tornam, ao mesmo tempo, muito grandes e muito móveis,

“muito condensadas e muito difusas” para serem controladas e reprimidas (BUTLER, 2018, p.84).

Figura 1 - Corpos em união andam em conjunto em ato do dia 15 de março.



Fonte: Daniela Moura/ Mídia Ninja, 2018.⁴

Quando chegam nessa dimensão, as assembleias formam *alianças* compostas por corpos diversos e adjacentes que passam a exercer juntos o poder performativo, ou seja, passam a “ reivindicar o público de uma maneira que ainda não foi codificada em lei e que nunca poderá ser completamente codificada em lei” (BUTLER, 2018, p.84). A autora alerta que essa performatividade não está somente na fala, mas também nas ações corporais, nos gestos, no ato de união, na resistência e na exposição que esses corpos se colocam, já que eles ficam vulneráveis a possíveis atos de violência.

Figura 2 - Manifestante no ato por Marielle Franco



⁴ Disponível em: <<http://midianinja.org/news/uma-sp-de-silencio-e-grito-todos-por-marielle/>> . Acesso em: 12 set 2020.

Fonte: Julio Cesar / Mídia Ninja⁵

A partir disso, é possível observar que os corpos que se fazem presentes nas ruas e praças, arquitetam, a partir daquele ato político, performances, sendo assim não só “corpos”, mas sim corpos performáticos, como vemos na Figura 2. Apesar da ausência de linguagens verbal e escrita, o corpo manifestante presente na fotografia se expressa, ou melhor, o corpo “fala” como símbolo de resistência e protesto. Persistindo na cena sem amparo ou defesa, o sujeito que coloca e dispõe seu corpo na cena passa a ocupar aquele espaço, que é representado pela Av. Paulista nesta produção acadêmica (BUTLER, 2018).

A resistência ali estabelecida ultrapassa o local da visão e da sonoridade para também se substanciar em forma de resistência física (Figura 3). A ocupação das ruas através dos corpos que antes não possuíam visibilidade configura, sobretudo, o rompimento da partilha do sensível, movimento no qual também é possível notar a não existência de relações de poder e hierarquia entres os sujeitos ali presentes, como propõe Rancière (1996, 2010).

Figura 3 - Protestantes ocupam Rua Augusta no ato pelo Dia da Mulher



Fonte: Vitória Sanches, 2019.⁶

Assim sendo, podemos considerar a causa Marielle Presente como um movimento dissensual, que irrompe em meio a normalidade, tendo os corpos como elementos primordiais na constituição desse ato. Sendo esses corpos um configuração

⁵ Ibidem.

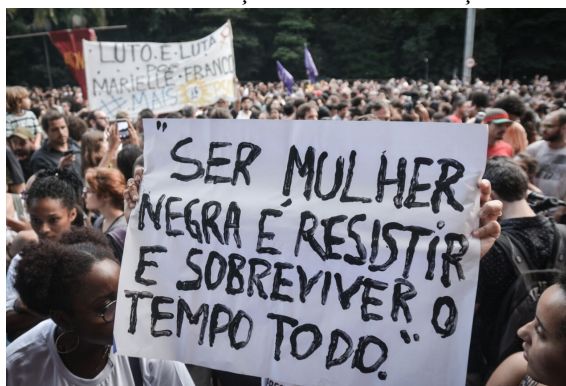
⁶ Foto produzida pela autora na manifestação do Dia da Mulher, em 8 de março de 2019, na Av. Paulista.

de resistência física, que possibilitam as falas e os manifestos (BUTLER, 2018), são então, principalmente, corpos que comunicam.

ESTUDO DAS FALAS

Cercados pela tristeza e indignação com a morte de Marielle Franco, os manifestantes reunidos nas ruas gritavam por justiça e pela vida da população negra. As falas eram identificadas tanto nos gritos, quanto nos dizeres dos cartazes utilizados momento do protesto. Relatos de pessoas que estiveram presentes no movimento do dia 15 de março de 2018 também constituem o escopo de análise das falas.

Figura 4 - Cartaz na manifestação do dia 15 de março de 2018



Fonte: Jorge Ferreira/ Mídia Ninja, 2018.⁷

Reunidos na Avenida Paulista, os manifestantes se colocavam fisicamente juntos para proferirem os gritos e falas que clamam por justiça pela morte da vereadora e de seu motorista. Seus discursos preenchem a manifestações de forma a reforçar o caráter dissensual do ato. As falas expressam a indignação do povo com as condições que estão submetidos e reivindicam por uma “vida vivível” (BUTLER, 2018):

*Lutamos juntas contra as tropas
Que assassinam nosso povo
E somos todas Marielles
Tropas do Rio não passarão⁸*

Retornando ao método da igualdade (RANCIÈRE, 1996), o estudo contou com entrevistas de manifestantes que presenciaram o ato da causa Marielle Presente em São

⁷ Disponível em: <<http://midianinja.org/news/uma-sp-de-silencio-e-grito-todos-por-marielle/>>. Acesso em: 12 set 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Po8Cq2kf8Pk&ab_channel=SandraSeabraMoreira>. Acesso em: 16 set 2020

Paulo. As falas atuam na reconstrução das cenas (RANCIÈRE, 2012), de modo a reproduzir aos demais aquilo o que foi vivenciado. Os gritos ganhavam força através da popular tática empregada em movimentos insurgentes, o “jogral”. Nela, uma pessoa enuncia as frases para que toda a multidão possa repeti-las conjuntamente. Michele Vieira, presidente do PSOL-SP, do mesmo partido de Marielle, nos conta que, apesar de todos possuírem espaço para se manifestarem, havia uma grande urgência das mulheres falarem, tendo em vista tamanha representatividade feminina de Marielle Franco, bem como a enorme revolta e comoção pelo o que sua morte representa.

A gente chamou um ato para 17h da tarde, aqui em São Paulo, na Paulista, que era uma coisa que o partido estava fazendo em todo o Brasil. Abrimos um evento no Facebook e tudo mais, mas não esperávamos que fosse acontecer aquele tanto de gente, tanto que a gente nem tinha estrutura para isso. Tínhamos uma caixa de som que não era muito grande, convidamos alguns movimentos sociais e fomos. Cinco horas a gente estava lá, no vão do MASP e começou a chegar pessoas e chegar pessoas, muitos movimentos, muitas entidades querendo fazer fala, querendo participar. Foi uma coisa maior do que a gente esperava, foi uma coisa maior que o PSOL, uma movimentação mesmo das pessoas quererem estar na rua. Eu lembro de estar coordenando as falas e terem muitas mulheres querendo falar, e foi uma coisa que foi espontânea, a gente não chegou a falar “homens não vão falar”, mas foi um evento natural. Os homens que estavam ali no momento estavam entendendo que aquilo era um momento das mulheres falarem. (Michele Vieira, presidente do PSOL-SP)⁹

Ao gritarem por mudanças e por melhores condições, os manifestantes lutam por suas vidas. Com base em Foucault, Pál Pelbart (2011) define isso como o biopoder, ou seja, ele enxerga no poder dos manifestantes o objetivo do *fazer viver*: “Se antes tratava-se de defender a soberania de um Estado (lógica da soberania), trata-se agora de garantir a sobrevivência de uma população (lógica biológica)” (PELBART, 2011, p.57). Desta forma, podemos apontar que as manifestações e atos pelo movimento Marielle Presente resultam na biopotência, regime no qual o poder atua no estímulo da vida daquele povo (MARQUES; PRADO, 2018).

Pál Pelbart (2011) enxerga o uso da fala para veiculação das injustiças e pedido de direitos como um processo de “politização da vida”, no qual o indivíduo expõe seu contexto político e impõe igualdade entre voz e linguagem, fato e direito. Juliana

⁹ Entrevista cedida à autora, no dia 11 de julho de 2019, na sede do PSOL-SP, em São Paulo.

Nencioni, que esteve presente no ato, comenta um pouco como foi para ela esse processo de reivindicação de justiça e melhores condições:

Foi muito bonito, mas ao mesmo tempo, foi muito pesado, porque não foi um ato normal, das mulheres pedindo direitos. Não desmerecendo esses atos, até porque eu vou em todos e acho super importante. Mas, pelo contexto, foi absurdamente triste. Eu vi muita gente chorando, muita gente sentida e foi muito absurdo. Foi muita gente, pela mesma causa. Eu me senti absurdamente acolhida nessa manifestação, porque era uma porrada de mulher gritando as mesmas coisas pelas quais a gente foi silenciada, pelas quais a Marielle foi silenciada. Era uma mulher que gritava tudo o que eu grito, lutava por todas as causas que eu luto. Tirarem a voz dela é tirar as vozes de todas as mulheres. Então isso aí realmente me deixou put da vida, muito revoltada e eu acho que é muito importante a gente ir para esse tipo de ato, a gente lutar pelas mesmas causas (Juliana Nencioni, manifestante).¹⁰*

Por fim, podemos concluir que as falas possuem papel fundamental dentro dos movimentos dissensuais, pois além de garantir mais força e engajamento aos atos, elas também atuam na construção do acontecimento e na posterior reconstrução dessas cenas insurgentes, como foi possível realizar com os relatos de Michele e Juliana, seguindo então o que propõe o método da igualdade (RANCIÈRE, 2012).

ESTUDO DOS CARTAZES

Cartazes e faixas funcionam como complementos da cena política, já que carregam em si dizeres e falas importantes para a caracterização dos protestos e manifestações públicas, bem como para constituição de uma cena dissensual. Palavras de resistência, angústia e manifestos preenchem as diversas faixas do ato ocorrido na Av. Paulista. Elas eram acompanhadas em maior parte das vezes pela hashtag #MariellePresente e por pedidos de justiça à ex-vereadora (Figura 4 e 5).

¹⁰ Entrevista cedida à autora, no dia 4 de abril de 2019, via WhatsApp.

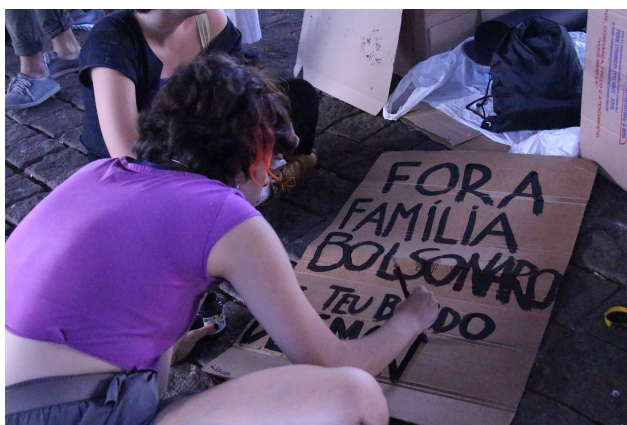
Figura 5 - Fotografias expõem os corpos e cartazes dos manifestantes



Fonte: Mídia Ninja, 2018.¹¹

Para a elaboração dos cartazes, os manifestantes se encontram no local do ato momentos antes de seu início, levam tintas, pincéis e papéis, que ficam disponíveis para aqueles que quiserem usar. As frases são escritas nos materiais (papel, faixas, papelão, tecidos) improvisadamente, no chão, com auxílio de pincéis e de seus próprios dedos. (Figura 6).

Figura 6 - Cartazes são produzidos no chão com materiais improvisados



Fonte: Vitória Sanches, 2019.¹²

A maneira simples e rudimentar na qual os cartazes são produzidos configura “um modo de circulação da palavra escrita que pertence à partilha democrática do sensível” (HERNÁNDEZ et al., 2018, p.268), ou seja, permite que os sujeitos criem uma linguagem própria e única, emancipada das demais linguagens empregadas nas

¹¹ Disponível em: <<http://midianinja.org/news/uma-sp-de-silencio-e-grito-todos-por-marielle/>>. Acesso em: 17 set 2020.

¹² Foto produzida pela autora na manifestação do Dia da Mulher, em 8 de março de 2019, na Av. Paulista.

comunicações tradicionais. Um exemplo do uso deste vocabulário singular está na Figura 5, na qual a manifestante utiliza de um jogo de palavras para reivindicar a resistência e a existência do povo negro. De acordo com Hernández et al. (2018), todo o movimento de elaboração do cartaz e de carregá-lo caracteriza-se por um ato político. Já a manipulação das palavras de maneira inovadora e diferenciada é denominada como uma “libertação da palavra”.

O próprio gesto de feitura do cartaz e de carregá-lo junto a si é político, uma vez que a política escrita consiste numa forma de experiência estética baseada na libertação da palavra de seus fluxos habituais de produção e circulação e na igualdade que se instaura quando qualquer um pode dela se assenhorar sem a necessidade de seguir um roteiro ou fórmulas específicas de enunciação. Trata-se de uma igualdade sensorial e expressiva em vez de uma igualdade apenas legal ou econômica (HERNÁNDEZ et al., 2018, p.269).

Alguns manifestantes optam também por pintarem símbolos e dizerem em seus próprios corpos, de modo a transformarem a si mesmos em cartazes e formas de protesto visual. A comunicação por cartazes dialoga com o método da igualdade, pois cria “um certo espaço comum, um modo de circulação da linguagem e do pensamento que não tem nem um emissor legítimo nem um receptor específico, tampouco um modo de transmissão regulado” (RANCIÈRE, 2000b, p.12 apud HERNÁNDEZ et al., 2018, p.268).

Assim sendo, podemos concluir que os cartazes são elementos substanciais na constituição dos movimentos insurgentes dentro da causa Marielle Presente, sobretudo por agregarem mais força e reconhecimento à ação.

ESTUDO DO VÍDEO DA MANIFESTAÇÃO

Assim como os cartazes, os vídeos produzidos pelos manifestantes no momento dos atos são registros essenciais dentro dos movimentos, pois atuam também na reconstituição daquela cena política, além de agirem na formação de uma linguagem própria e emancipada das empresas de mídia tradicionais (RANCIÈRE, 2012). Sendo assim, este artigo estuda um vídeo¹³ produzido durante a manifestação do dia 15 de março de 2018, na Av. Paulista.

¹³ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Po8Cq2kf8Pk&ab_channel=SandraSeabraMoreira>. Acesso em: 18 set 2020.

Figura 7 - Print do vídeo produzido na manifestação



Fonte: YouTube, 2018.¹⁴

Quanto registra, o sujeito manifestante compreende o que se denomina por um “corpo-câmera”, no qual seu corpo passa também a ser uma câmera, como um instrumento que “(re)divide” o acontecimento e o projeta para o futuro, quando essas imagens serão compartilhadas fora daquele contexto (KIMO; VEIGA, 2017, p.39). A gravação em primeira pessoa garante ao espectador uma imagem real e muito próxima do fato que está sendo registrado e que auxilia a estabelecer o “espaço de aparecimento”, que surge da união dos corpos no momento de protestar e registrar aquelas cenas (BUTLER, 2018). O corpo ao mesmo tempo que manifesta, registra, atuando performaticamente na cena política, e assim, a câmera passa a ser também um símbolo de resistência.

O ato do registro pressupõe também uma *vontade de visibilidade*, sendo o registro por equipamentos portáteis (câmeras, celulares) uma forma de clamar por mudanças e intervenções na realidade vivida pelos manifestantes. Butler (2018) alerta sobre a vulnerabilidade dos corpos-câmeras que se expõem nessas cenas às repressões presentes nas manifestações:

[...] a cena não poderia ser a cena se não entendêssemos que algumas pessoas estão em risco, e que quem corre risco são precisamente esses corpos na rua. Se eles são transportados de alguma maneira, certamente são deixados no lugar de outra, segurando a câmera ou o telefone celular, cara a cara com aqueles a quem se opõem, desprotegidos, expostos a lesões, lesionados, persistentes, quando não insurgentes. Importa que esses corpos carreguem telefones celulares,

¹⁴ Ibidem.

transmitindo mensagens e imagens, e então, quando são atacados, isso acontece com frequência devido a algo relacionado com a câmera ou com o gravador de vídeo. (BUTLER, 2018, p.102)

Desta forma, podemos concluir que o ato de filmar as manifestações é também uma forma de consolidá-las, já que o registro também se encaixa como uma ação de resistência dentro do ato político. Assim, a causa ganha mais visibilidade e força dentro da realidade na qual está inserida, de maneira a colaborar para que este grupo consiga emancipar-se das injustiças e condições de vida precárias às quais estão submetidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos aprofundados sobre o tema deste artigo, pode-se traçar uma conclusão de que o movimento Marielle Presente caracteriza-se como um processo/cena dissensual, já que ele nasce do desentendimento, sendo este a morte de Marielle e Anderson e tudo o que isso representa para as minorias. Por nascer do desentendimento, podemos dizer então que ele rompe com a normalidade vigente para existir, ou seja, é um movimento que insurge.

Atos como os da causa de Marielle, que surgem do dissenso, produzem, em consequência, o fazer político. Assim, podemos concluir, que no objeto de estudo desta análise, há política, os manifestantes atuam politicamente e constituem política com suas ações, com seus protestos, seus corpos e sua falas. Com a posse da palavra, esses sujeitos se encontram então como protagonistas da cena política que ali se constitui.

Por fim, quanto aos elementos que constituem os atos da causa Marielle Presente, como os corpos, falas, cartazes e vídeo, conclui-se que eles são fundamentais para a reverberação e engajamento do movimento. São esses fatores que auxiliaram na constituição da causa MP como um movimento social global, que até hoje busca justiça e respostas pelo assassinato de Marielle e Anderson.

REFERÊNCIAS

ALTHEMAN, Francine. Bololô, vamô ocupar: estética e política nos arranjos disposicionais da insurgência secundarista. **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**. Porto Alegre (RS), PUC-RS, junho de 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1976] 2010.

HERNÁNDEZ, Elisa B. R. et al. Autonomia política como experiência comunicativa de bricolagem e práticas de resistência na gambiarra. **Comunicação, Mídia Consumo**, São Paulo, v.15, n.43, maio/ago de 2018, pp.249-275.

MARQUES, Ângela C. S.; PRADO, Marco Aurélio M. **Diálogos e Dissidências**: Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba (PR): Appris, 2018.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: Editora. 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. Biopolítica ou política? **Urdimento**, Florianópolis (Udesc), vol. 1, nº 15, p. 75-79, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

VEIGA, Roberta; KIMO, Paula. **Como insurgir no acontecimento pelas imagens**. Notas sobre uma modalidade de regime estético. Revista Eco Pós, Vol. 20, nº 2, 2017.